

Filho de tais homens, oh, Deus!

E, no entanto, Mellors era filho dum desses homens. Não! Quarenta anos já marcam uma diferença, uma enorme diferença na humanidade. Foi nos últimos tempos que o ferro e o carvão devoravam o corpo e a alma desses homens. E viviam, essas encarnações do feio! Com que destino? Talvez o fim, o carvão, os fará também desaparecer da superfície da terra. Fauna estranha, filha dos filões carboníferos. Criaturas elementares, servos do ferro. Elementares que eram, talvez tivessem um pouco da estranha beleza dos minerais, do ferro e do carvão, o peso, a resistência, o azulado. Criaturas elementares, estranhas, contorcidas, servas do mundo mineral. Pertenciam à hulha, ao minério, como os peixes pertencem ao mar e os vermes ao pau podre. Espíritos da desagração mineral!

Constance respirou de alívio ao entrar em casa e teve prazer até em tagarelar com Clifford. O medo daquela zona de ferro e minas causava-lhe impressão de gripe a invadir-lhe o corpo inteiro.

— Tive, muito naturalmente, de tomar chá na loja de Miss Bentley, disse ela.

— Sim? Winter devia tê-la convidado para o chá.

— Convidou, sim, mas eu não queria desapontar Miss Bentley.

Era essa Miss Bentley uma solteirona amarela, de nariz comprido e disposições românticas, que servia chá com a gravidade de quem ministra um sacramento.

— Perguntou por mim? quis saber Clifford.

— Está claro. "Permita-me que pergunte a Madame como passa Sir Clifford?" A Bentley reverencia você ainda mais que Miss Cavell.

— E a resposta foi que eu passava às mil maravilhas, não é?

— Sim. E ela ficou enlevada como se o céu se tivesse aberto para Sir Clifford. Convidei-a a chegar até aqui, quando fosse a Tavershall.

— Para ver-me?

— Por que não? Não pode ser adorado, assim sem se deixar ver de quando em quando. Para ela, São Jorge é nada comparado com você.

— E acha que virá?

— Corou e ficou quase bela por um instante, a pobre criatura! Não sei por que os homens não desposam as mulheres que verdadeiramente os adoram...

— É que começam a adorar-nos muito tarde. Mas respondeu que vinha?

— Oh! exclamou Constance imitando a voz engasgada de emoção de Miss Bentley. "Oh, Madame, não ousaria nunca permitir-me isso!"

— Ousaria permitir-se! Que absurdo! Mas faço votos para que assim seja. E que tal o chá?

— Chá Lipton, é *muito forte*. Mas sabe, Clifford, que você é realmente o *Romance da rosa* de Miss Bentley e dum bando de outras solteironas?

— E devo lisonjear-me disso?

— Elas guardam como reliquia os retratos vindos nos jornais. E com certeza rezam por você todas as noites. Coisa magnífica.

Constance subiu para a toalete.

Na noite desse mesmo dia conversaram novamente.

— Acha que existe qualquer coisa de eterno no casamento? perguntou Clifford.

Constance o encarou, de testa enrugada.

— Você fala da eternidade, como duma corrente muito comprida que a gente arrasta atrás de si até que não possa mais caminhar...

— O que quero dizer, explicou ele, ou saber, é se você não vai à Itália com intenção de alguma aventura que possa ser tomada "au grand sérieux".

— Aventuras de amor em Veneza "au grand sérieux"? Não, esteja sossegado. Eu só poderia ter uma aventura de amor em Veneza "au très petit sérieux"...

Disse-o num singular tom de desprezo, e Clifford encarou-a, carregando os sobrolhos.

No dia seguinte, de manhã, ao descer dos seus aposentos, Constance viu Flossie, a cadela do guarda-caça, sentada no corredor diante da porta de Clifford, a uivar baixinho.

— Então, Flossie, que faz por aqui?

Abriu a porta. Clifford, sentado na cama, arrastara da sua frente a mesinha de cabeceira e a máquina de escrever.